

NA LÓGICA DA MORTE MODERNA(1)

Reinhard Hesse

Günther Anders e depois dele Jonathan Schell falaram de “segunda morte”, de “morte da morte”: caso sobrevenham os acontecimentos nos quais fixamos os olhos, ou melhor, nos quais evitamos fixar os olhos, nunca mais haverá morte, pois também não haverá mais vida. Gostaria de fazer algumas observações de crítica cultural acerca de como, em nossa civilização, aos poucos a morte se prepara infra-estrutural e psiquicamente, aninhada no mundo de nossa vida, de como ela conquista terreno, ganha em aceitação, de como trabalha na lógica com a qual vencerá. Em outras palavras: de como em muitas esferas o deinhamento espiritual, cultural e emocional da humanidade já agora precede a sua morte física.

Esta preparação eu gostaria de denominar desvitalização da vida. É a pré-morte. No fundo todos nós estamos familiarizados com os fenômenos que exemplificam isto. Mais tarde nomearei alguns deles. A morte propriamente, isto é, a morte física que jaz na lógica do desenvolvimento cultural, não é pura e simplesmente “a morte”, mas é a morte *disponível em superabundância* — tal como entrementes se nos tornou corriqueira, sob o título de “overkill”, pelos jomais que lemos no café da manhã.

Da desvitalização da existência a lógica conduz ao extremo radical de *tornar supérflua* também a vida física desvitalizada do ser humano. Seu *acme* perverso é a coincidência da morte disponível em superabundância com o tornar supérflua a existência humana.

A reprodutibilidade técnica da morte até ao nível da superabundância tem contudo (até agora) um ponto fraco: o ser humano. Para ser posto em funcionamento, o mecanismo automático do “overkill” precisa (pelo menos por enquanto) parcialmente da cooperação do ser humano. Visto tecnicamente, trata-se de um mecanismo apenas semi-automático. Neste momento está-se trabalhando para tornar supérfluo o ponto fraco desse mecanismo automático — assim como

esse mecanismo "trabalhará", por sua vez, para eliminar o ser humano que se tornou supérfluo. Dizer isso não é despropósito tanatofílico de uma crítica da cultura; é apenas expressão do desenvolvimento técnico das armas. No que se segue também terei que descrever sumariamente algumas delas.

O definhamento daquilo que é vivo na vida consuma-se em diversos planos do mundo cotidiano. (De resto não em todos. Também há esperançosos contra-exemplos de revolta contra a pré-morte. Em particular tenho em mente os movimentos ecológicos e antimilitaristas.)

Visto biograficamente, encontram-se fenômenos de pré-morte em quase todas as fases da vida. A título de meros lembretes eu gostaria de elencar alguns aqui.

Para começarmos com um exemplo banal: dizendo "bebê" ao invés de "lactante"(2) eliminamos involuntariamente de nossa linguagem o processo vital do querer ser alimentado e o do ser alimentado.

Rebatizamos o "velho" de "coroa" e com isso eliminamos de nossa linguagem o processo vital do envelhecer e do morrer.

O quarto em que se morre é substituído pela UTI.

A doença como forma aceita de vida quase não existe mais e o doente é antes visto como uma espécie de caso para se receitar remédios; nos documentos a doença consta como "diminuição da capacidade de trabalho".

O ser humano é um "caso social" quando, por doença ou velhice, se tornou completamente desamparado.

Se alguém deixa a UTI *post mortem*, é levado com cama e tudo por corredores e porões até um furgão, trasladado à casa mortuária de algum cemitério e lá encerrado numa pequena célula, para em seguida ser transportado mais alguns metros até o jazigo. O leito familiar de morte, as visitas de condolências dos vizinhos e amigos, os adornos na casa do falecido, o féretro da sua casa até o cemitério atravessando toda a comunidade, tudo isso desaparece. As vestes da família que está de luto mal deixam entrever algo do acontecido. Numa palavra: a morte é eliminada de nossa vida.

Para uma cultura que acredita na capacidade de fazer e de dominar, para a qual o *know how* se tornou a questão vital central, fenômenos

como doença e morte tem que ser uma constante irritação, uma penosa provocação. Onde o *know why* foi substituído pelo *know how*, onde as perguntas pelo sentido foram levadas tendencialmente à extinção e onde por isso não se está mais em condições de acolher na vida a doença e a morte nem de, seja como for, elaborá-las com sentido e construtivamente, aí de fato resta apenas eliminar estas perguntas e estes fenômenos.

Mas o medo da morte, o fato dela tornar-se estranha, tem simultaneamente um outro lado, a saber, o de uma irmanação e submissão não declarada nem elaborada em pensamento. Na limitação ao que pode ser tecnicamente feito também está, ao mesmo tempo, oculto um tanto de reconhecimento diante do reino da morte. Pode-se até dizer: estamos tão possuídos do *know how* precisamente porque com isso queremos remediar o fato de que não podemos submetê-la. A técnica moderna chega a viver dessa compulsão sublimar. Neste sentido, a indomável morte é o elixir da sua vida; reconhecer a morte é a sua legitimação tácita. Esta aliança se agudiza agora ao extremo: na "segunda morte" o ser humano vence a morte (ao não-haver mais morte depois dele) e simultaneamente se submete a ela.

Afinal, o ativismo dos nazistas não podia conseguir mais do que o facultado pelas condições da sua época: a fabricação em série de seis milhões de exemplares do produto morte, levada a cabo nas fábricas construídas para isso, nem significava submissão à morte (pois ocorreu em nome da *sobrevivência* da "raça de senhores") nem pôde sequer alcançar — por razões quantitativas tecnicamente condicionadas — o nível da "vitória sobre a morte" no sentido da "segunda morte". Por estas duas razões Auschwitz não pode ser jogado no mesmo saco que Hiroshima/Nagasaki. No intervalo de quase um ano e meio decorrido entre a suspensão da produção alemã em série da morte em Auschwitz (mediante um trabalho miúdo, comparativamente penoso) e a entrada na produção americana de morte em superabundância com o auxílio das técnicas atômicas vigentes desde Hiroshima/Nagasaki, situa-se a cesura que nos separa contemporâneos, para sempre e em princípio dos esforços canhestros e inexatos encetados pelos anteriores com o fito de vencerem a morte própria pela matança dos outros e de assim erigirem um Reich "milenar", leia-se: eterno.

Em Auschwitz o sistema industrial pôde exercitar os seus músculos. Claro que só a SS, e mesmo dela só uma parcela, possuía uma relação tecnocrática adequada com estes locais de produção. Por razões de consideração tradicionalista, os outros órgãos e repartições do Estado

ainda se constrangiam em demasia. A comissão reunida no Wannsee em 1942 para decidir a "solução final", formada *inter alia* por diversos ministérios, formulou frases como a seguinte: "Quanto a eventuais restos de população judia, tomar-se-ão as seguintes providências: reunião, — encaminhamento a um campo de concentração — tratamento especial". Nas reflexões estratégicas da época da bomba atômica cabem frases como a de que, no caso de uma eventual "utilização de munição especial, ter-se-á que contabilizar um dano colateral de 50MM." Quando se sabe que "munição especial" significa ogivas nucleares e "MM" megamortos (1 milhão de mortos), então isto já soa consideravelmente mais profissional e também tecnicamente mais potente.

Por não ter mais podido acolher a morte tradicional em sua vida, a humanidade moderna inventou e tornou tecnicamente fabricável a morte total. Em nossas residências não há mais falecidos expostos em esquifes, não há mais adornos indicadores de que ocorreu uma passagem; mas nossos jardins e nossos campos estão retalhados, perfurados e ocados pela infra-estrutura que, saindo do subterrâneo (psíquico e topográfico), em minutos deverá produzir a morte em superabundância — *if deterrence fails*.

Este estado de coisas é expressão, causa e consequência de uma disposição espiritual e cultural que tanto é esquizofrênica quanto obedece a uma lógica perversa, doentia, secreta. A disposição interior doentia da humanidade é um fenômeno de pré-morte. Estabeleceu-se em várias estruturas fundamentais da cultura, aninhou-se em padrões sociais e políticos de comportamento dentro de sociedades dadas e entre elas, cristalizando-se de modo mediato nas perturbações psíquicas dos indivíduos. O pseudocombate contra ela desenrola-se nos consultórios de "psicoterapeutas" pagos, nos inúmeros círculos onde pessoas procuram se encontrar, etc. Este só pode ser um *pseudocombate*, pois os seus meios já de antemão não tem alcance para poderem abordar as causas estruturais e culturais, causas profundamente arraigadas e historicamente condicionadas.

A morte como o fenômeno mais vital da vida, por colocar da maneira mais radical a questão do sentido, foi despachada para as casas mortuárias e tornada "dominável" nas covas que abrigam os misseis. E que dizer das esferas do amor, do trabalho e do gozo da vida pelo sentidos? Também aqui, quer-me parecer, a mencionada lógica fez progressos de monta.

A "Aktion Lebensborn"(3), o instituto nazista encarregado da criação

de seres humanos, era comovedoramente humana comparada não só com as futuras possibilidades da tecnologia genética, mas também com o grau de desvitalização do amor e da sexualidade que hoje já se tornou realidade.

Não deveria ser muito difícil interpretar a estilização provençal-romântica do amor entre homem e mulher como uma forma que estreita — ou, caso se queira, que empobrece — o amor ao próximo e à criação em geral, o amor abrangente também estruturado politicamente que era exigido pelo cristianismo primitivo e pela filosofia de então. A ênfase no amor venéreo, carregá-lo com o *pathos* de garantidor da felicidade na vida e com a sempre renovada reivindicação de que seja espontâneo e único, poderia ser caracterizado nesta perspectiva como compensação radicalizada para o fato de não estar à mão o que é propriamente ideal, a saber, aquele ideal abrangente não restrito à relação a dois.

Mas o mundo industrial moderno também não pode se resignar a essa forma de redução. Mesmo que a reivindicação de ser único seja oca e talvez apenas conseqüência de ideais fracassados — ela não se coaduna duradouramente com um sistema que internalizou a idéia da produção em série; a reivindicação de espontaneidade não se coaduna com o ideal da capacidade de fazer, de planejar e de controlar; em particular, a noção de uma felicidade saturada de vida que repousa em si mesma, alimentando-se do mundo dos sentimentos, fica atravessada no expansionismo frio do mundo industrial moderno, na sua sanha instaurada de inovação, no seu modo de vida e de economia voltado para a expoliação do ser humano e da natureza. A sua compulsão a tornar tudo reproduzível e à reprodução fez baixar visivelmente a zero a concepção romântica de amor nas canções, nas paradas de sucesso e nos romances água-com-açúcar. (Reduzindo-o assim ao que talvez sempre foi; se não quisermos ver por trás dele a busca desesperada do ser humano por pelo menos *um* nicho de paz — uma interpretação que obviamente também pode ser invertida ao se compreender a criação de um recanto de recuperação emocional no mundo interior como uma pré-condição necessária à economia psíquica global de uma cultura agressiva, pré-condição compensatória e criativa que possibilita um tão mais perigoso agir para fora.)

Ao lado da sentimentalização reproduzida do amor, e destarte do esvaziamento desde dentro desta emoção vital segundo a sua reivindicação, há uma segunda forma de subversão efetuada pelo mundo industrial: a conquista da sexualidade pelo sexo moderno. O sexo torna o amor mercantilizável, quantificável, normável, controlável, terapêuti-

zável.

Saltam particularmente aos olhos duas formas do sexo aparecer: o *petting* e o *peep show*. De diversos relatórios sobre sexo sabe-se que nos Estados Unidos o intercurso sexual médio é comicamente breve; parece que as pessoas gostariam de "liquidar rapidamente o assunto". Para substituí-lo de todo surgiu o *petting*. O lugar preferido para o *petting* é o carro, onde se pode realizá-lo por assim dizer "en passant". A cama ainda lembra demais a sua destinação para realizar o ato vital de dormir junto. O banco de um carro é um móvel de multifuncionalidade técnica: serve para andar pelas ruas, como assento reclinável para descansar um pouco, para se assistir cinema num *drive-in* e comer um cachorro-quente no *snack bar* do mesmo, para sacar dinheiro nos terminais bancários especiais para automóveis e precisamente também para o *petting*. Mas o *petting* ainda pressupõe duas pessoas que aquiescem mutuamente a estabelecerem uma relação específica de intimidade via de regra pessoal uma com a outra.

Não é ainda a mulher de plástico inflável do Sex Shop, mas o *peep show* que mostra a resposta radical à questão da possibilidade de desvitalização também deste resíduo de envolvimento humano mútuo. O boneco de plástico suprime abertamente o contato humano: trata-se de um boneco, não de um ser humano. O *peep show* mantém esse contato na aparência: a mulher que se exhibe em cena é uma mulher. Mas este contato humano só existe em aparência: homem e mulher estão separados por uma parede, não se vêem um ao outro, não se podem tocar, o visor que permite o único contato entre ambos só se abre quando se joga dinheiro na maquinaria automática, a mulher se exhibe independente da presença de um homem determinado (mesmo que pudesse percebê-lo como esse homem determinado), ela o faz enquanto algum visor ainda for mantido aberto pelo dinheiro coletado, o homem que se masturba vai embora após atingir o orgasmo sem se importar ou poder se importar com a mulher. Numa palavra: o contato humano existe e, como "contato humano" reprodutível, produzido em série, comprável, impessoal, ao mesmo tempo *não* existe em absoluto.

Na medida em que o sistema industrial de lucro ocupa a posição da até então mais privada intimidade ao mercantilizar a masturbação, ele irrompe de cheio no mundo interior das estruturas transmitidas da personalidade. Se é o homem ou a mulher que se rebaixa aqui, esta não me parece a pergunta crucial: é o ser humano que se rebaixa.

Numa conhecida canção da banda pop bávara "Spider Murphy Gang"

pode-se ouvir: "peep peep/ Es tão bela, tão maravilhosamente bela/ Eu gostaria de te rever/ Porém breve demais é o minuto de felicidade/ Então tenho que retornar à rua/ peep peep". O aparato está imunizado contra as ambições de um indivíduo querer se alienar dos fins da maquinaria semi-automatizada de masturbação: o jovem mancebo que desenvolve sentimentos pessoais tem que "retornar à rua". Mesmo que ele se apaixonasse, o que seria estranho ao programado, ainda assim o visor que abre mediante uma moeda seria o único meio dele ver a sua amada.

Ainda uma pequena observação sobre o estado civilizatório de outras formas de se gozar a vida pelos sentidos tais como, por exemplo, comer, beber ou conversar com outras pessoas: é possível industrializar e quimizar a agricultura e a pecuária, mas não se poderá abolir o comer e o beber (apesar da invenção da máquina de alimentar no "Tempos Modernos" de Chaplin); ou eu deveria dizer que por enquanto não se poderá abolí-los? Afinal, a gente pode se esforçar. Pode-se tentar substituir parcialmente o comer pelo mascar chicletes, o beber pela Coca-cola que sempre provoca nova sede, a conversa pelas entrevistas nos Sílvia Santos da vida, a palavra consoladora e o gesto animador pelo psicoterapeuta.

Chego agora aos fenômenos de desvitalização no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo se passará com isso às condições técnicas que enquadram o fato da existência humana em si tornar-se supérflua, do ser humano desvitalizado tornar-se obsoleto.

Na economia moderna, cada vez mais o ser humano comparece como fator de custos e como foco de perigos. Os custos de compra da força humana de trabalho pesam nos orçamentos das empresas e nos orçamentos públicos. Devem ser minimizados, tendencialmente eliminados. Consegue-se isto por "racionalização". "Racionalização" significa de fato: eliminação do ser humano. Por si mesmo o autômato que o substitui não possui razão; mas há uma razão ventilada pelo ser humano que faz parecer aconselhável ou necessário substituir o ser humano. A razão domina por "racionalização" o processo de produção exatamente porque o ser humano (o único ser, dever-se-ia supor, que possui razão) foi posto de lado. Aqui a micro-análise lingüística já alude àquilo que se formou, em toda sua clareza, no campo da moderna tecnologia de destruição. O ser humano como tal se torna obsoleto, e não só obsoleto, mas no fundo até incômodo e danoso. Ele é substituível, e por uma máquina introduzida com reclamos de também possuir, e melhor, uma propriedade que só ele, o ser humano, possui (a razão). No sistema global da economia automatizada e semi-

automatizada, o ser humano é um *foco de perigos* já que e na medida em que ele é mais falível e menos previsível que autômatos e computadores, além de ser menos resistente.

Nem se menciona que nós, seres humanos, talvez pudéssemos trabalhar por nós mesmos, que a economia existe para nós e vive de nós, que o produzir poderia e deveria nos tornar felizes, realizados, satisfeitos, criativos, prestativos e sábios ao lidarmos com os outros e com a natureza.

Mas o mundo da indústria se coloca um dilema fundamental na medida em que, de um lado, incorporou "trabalho" como o conceito central portador de sentido e, ao mesmo tempo, abole o trabalho, pelo menos o trabalho humano. Na sua lógica imanente, não vejo saída desse dilema — pelo menos nenhuma saída construtiva que afirme a vida. O ser humano em obsolescência na economia se defronta cada vez mais com um mundo de estruturas de sentido esvaziadas e, para além disso, está cada vez menos em condições de recorrer a formas compensatórias de privacidade que já existam prefabricadas industrialmente. Provavelmente nunca em sua história o ser humano esteve tão desamparado e sem apoio como hoje, sob o signo da sua pretensa onipotência técnica.

É quase necessário que o seu medo total e a sua fraqueza total produzam a necessidade de sua superação: a necessidade de segurança total. Em nome da "segurança" tudo, mas literalmente tudo é possível.

Por aquilo que consideramos nossa segurança nós, *alemães ocidentais*, estamos dispostos a conceder aos americanos o direito de transformarem o nosso país num inferno, caso o julguem necessário. Aqueles dentre os nossos políticos que se centram nas questões de segurança nacional fazem circular isto sob o mote legitimador de "evitar o auto-intimidar-se": porque nós mesmos poderíamos recuar diante do suicídio no caso do caso, deixamos o apertar os botões aos amigos (amigos) confiando que (confiando — é preciso escrever ou ler duas vezes estas palavras para compreender o seu significado perverso) confiando que, portanto, *eles* já estarão dispostos a nos mandarem pelos ares, a nos poluir e a fazer com que viremos suco(4). Só assim estará garantida a intimidação e com isso a segurança.

Independente da debilidade mental especificamente alemã, nós, *habitantes da Terra* em geral, estamos dispostos a viver num "sistema de segurança" que expôs o desaparecimento da humanidade como preço

do seu fracasso condicionado técnica, humana ou politicamente.

Bem, e o que se desenrolará *"if deterrence fails"*?

Quadro após quadro começará o grande *show down*; o sistema total de segurança será ativado passo por passo, golpe por golpe, possivelmente em minutos ou horas, talvez mais rapidamente que uma peça de teatro; o cerimonial de vitória e submissão entre o ser humano e a morte será invocado no palco da história universal, que então não será mais; cobrar-se-á que os seus atos sejam encenados. Se tudo correr conforme o programa, a humanidade encenará uma obra-prima, uma peça policial perfeitamente arquitetada. (O programa americano para isso traz o nome "single integrated Operational Plan" — "Plano para a utilização de armas estratégicas (atômicas)". Os outros participantes tem os seus próprios planos. Eles estão só em parte coordenados entre si, o que não causará contudo nenhuma quebra na sua eficiência cumulativa.) A maestria nisto tudo será, em particular, que a própria humanidade não *precisará* mais tomar parte nos acontecimentos que então sucederão.

A continuação lógica da idéia da desvitalização interna da vida é a idéia do término físico da vida. Mas o ser humano desvitalizado não intervém na fabricação do seu fim, na "luta final" a ser travada para tanto. Os seus mecanismos automáticos liquidam isso para ele. "Luta" significaria pressupor vitalidade. Onde a vitalidade está reduzida e minimizada, é bem lógico desistir de participar da luta. Destarte, não é propriamente uma luta o que acontecerá. É tão somente pôr em funcionamento os mecanismos automáticos que acarretarão o fim.

Possivelmente o processo técnico se desenrolará em atos que se sucederão rapidamente.

Por exemplo Ato 1: "*Launch on warning*". Mísseis, "*cruise missiles*", etc., são lançados automaticamente, pois os sistemas de rastreamento acusaram, acertada ou desacertadamente, a aproximação de objetos voadores inimigos. Nota: os mísseis atômicos euro-estratégicos hoje estacionados no Europa ocidental favorecem a que o adversário introduza um sistema "*Launch on warning*".

Por exemplo Ato 2: "*Enhanced radiation weapons*". Meios de destruição em massa com radiação intensificada, portanto as assim chamadas bombas de nêutrons dirigidas por um programa de computador e dotadas de dispositivos para encontrarem o seu alvo, aniquilam concentrações humanas, embora continuem a deixar intactos os aparatos industrial e em especial também o militar. Nota: A bomba de

nêutrons é fabricada em série nos Estados Unidos. A França está em condições de produzi-la. A União Soviética anunciou tentativas.

Por exemplo Ato 3: "Overkill". Também após o fim da humanidade os sistemas de observação ainda podem identificar objetos que se aproximem em vôo e deflagar contragolpes automáticos. Se tudo funcionar, não se trata mais então de matança (de seres humanos), mas ultrapassa a matança; a luta final se desenrola então exclusivamente entre os aparelhos, os mecanismos automáticos, os sistemas. O "overkill" tem o seu lugar sistemático no edifício cultural da época atômica lá onde o ser humano, como ser obsoleto, deixa para trás um vácuo. O "overkill" não é destituído de função, como muitos acreditam hoje. Ele só é sem função visto militarmente, isto é, quando se pensa nas categorias tradicionais de vitória e derrota. Visto em termos de psicologia da cultura, ele não é sem função: sua função (ou uma das suas funções) é garantir a consciência subliminar da irmanação com a morte. Ao nos submetemos à morte nós, seres humanos, obtivemos ao mesmo tempo poder sobre ela.

Visto em termos de história da cultura, trata-se de um antigo *topos* cristão. A salvação emigrou do espaço religioso-especulativo e se materializou na técnica das armas. O fato do fim da história se tornar concreto evoca os antigos padrões de esperança da cultura humana e os transforma cinicamente em realidade metálica. Repete-se, como fenômeno da humanidade, o pacto fáustico com a morte como preço para a experiência daquilo que é o elo mais íntimo a manter unido o mundo.

Nota: o "overkill" está garantido em especial pela grande quantidade de ogivas, cerca de 55.000 só nos Estados Unidos e na União Soviética, bem como pela ampla capacidade que as armas submarinas possuem de sobreviverem ao primeiro embate.

Por exemplo Ato 4: "A mina de Oberried". Eis o signo de esperança de Gilgamesch: que ficará? Para além da "segunda morte" ficará inicialmente por alguns minutos, horas ou dias a atividade recíproca dos aparelhos de destruição que ainda estarão funcionando com radares e contragolpes préprogramados. Mas e depois? Seres extra-terrenos aterrissam na alta Floresta Negra no município de Breisgau, encontram uma mina infensa a radiações em Oberried, isto é, o "depósito central para material de história contemporânea" da República Federal da Alemanha, abrem os cilindros de aço e, mediante alguns milhares de slides, conseguem ter alguma visão da criação cultural alemã antes do fim. A mina de Oberried é um dos museus de novo tipo que

hoje estão sendo montados às custas do Estado, mas que propriamente não são mais destinados a visitantes humanos. Já são endereçados àqueles seres que talvez visitem a Terra daqui a milhões de anos — bem depois de termos demonstrado a nossa superfluidade.

P.S. Ao terminar de escrever isto penso cá comigo ter escrito uma piada de mau gosto ou um pesadelo insosso. Sou perpassado por um sentimento de irrealidade. Por quanto tempo pode estar em paz consigo mesma uma civilização que vive sob as circunstâncias e perspectivas de futuro acima descritas? Como é possível suportar isso, como é possível descartar isso, como é possível entrar nesse jogo? Quem sabe essa lógica nem existe na realidade? Ou ela não passa de uma excrescência, de uma espécie de ferida cancerosa num todo de outro modo sadio? Que solução se pode esperar das culturas de cunho não ocidental, tais como da Índia, da China, da África? Será que os países do socialismo realmente existente sucumbiram de fato a essa lógica tanto quanto o "Ocidente" (o que já se pode talvez depreender da sua participação na corrida armamentista, se bem que ela tenha sempre sido encabeçada pelos Estados Unidos) e, em caso afirmativo, em que grau e de que maneira? — Perguntas de eminente significado para avaliarmos as nossas reais chances de futuro. Só me importou aqui chamar a atenção, com algumas indicações, para desenvolvimentos que caracterizam em grande medida a nossa cultura hodierna, achando eu que requerem uma resistência radical e sem compromissos. No capítulo intitulado "Na neve", no romance "A Montanha Mágica" de Thomas Mann, o héroi da história, Hans Castorp, se perde numa tempestade de neve; enquanto luta consigo mesmo para escolher entre procurar uma saída ou entregar-se à morte, o autor faz com que ele enuncie a seguinte frase decisiva: "Não deves conceder à morte poder algum sobre teus pensamentos". Em "Os Irmãos Karamazov" de Dostoiewsky, um dos irmãos diz num diálogo central: "Deves amar a vida antes do sentido da vida". Eu não gostaria de terminar com um simples apelo, mas estes dois fragmentos de textos clássicos da literatura européia tem hoje, assim parece, uma ressonância particular perfeitamente enfática.

NOTAS:

- (1) O original alemão deste texto foi publicado no verão de 84 nos "Frankfurter Hefte". Por destinar-se a um público alemão, a maioria dos exemplos citados referem-se à Alemanha Ocidental e à situação lá vigente, o leitor devendo ter isso em mente para uma compreensão adequada do texto.

- (2) A correspondência "Baby"/"bebê" é perfeita, mas não a de "Säugling"/"lactante". As diferenças são que 1) "lactante" é termo da linguagem médica, ao passo que o correspondente alemão é termo corriqueiro, e 2) a formação da palavra "lactante" refere apenas o alimento (de raiz latina significando "leite"), ao passo que "Säugling" refere a alimentação (do verbo "saugen"="sugar").
- (3) Programa nazista para a produção de seres humanos respeitando os padrões genéticos daquilo que consideravam a raça superior pura. Em português a expressão significa "Ação Fonte da Vida".
- (4) O verbo alemão "versaften" traduz o inglês "to juice"="tornar suco", e designa o fato das armas de nêutrons transformarem o tecido celular dos animais numa pasta amorfa semi-gelatinosa.